

COM PARENTE SE NEGOCIA? REDES MIGRATÓRIAS E O COMÉRCIO TRANSNACIONAL EM CABO VERDE

Andréa LOBO¹

Vinícius VENANCIO²

RESUMO: As etnografias apresentadas nas últimas décadas sobre Cabo Verde demonstram que é quase impossível abordar alguma temática referente a esse país sem mencionar os intensos fluxos migratórios que constituem a história do arquipélago. Sendo assim, com o interesse primeiro em analisar um outro tipo de fluxo, o do comércio transnacional realizado por mulheres cabo-verdianas, nos damos conta das conexões entre estas e as redes migratórias constituídas entre Cabo Verde, países europeus e os Estados Unidos da América. A presente proposta, portanto, pretende “seguir” e esboçar algumas reflexões sobre tais conexões, dando especial ênfase nas relações entre familiares que vivem a distância. Nossa hipótese, a partir de dados etnográficos, é de que neste cenário, os parentes emigrados são centrais para iniciar e/ou dar continuidade aos negócios de familiares que vivem em Cabo Verde, seja através do envio de *bidões* - tambores que costumam ser enviados cheios de presentes e produtos para revenda - ou no apoio para constituir o fluxo comercial, na garantia de se ter apoio nas viagens e negociações em países estrangeiros.

PALAVRAS-CHAVE: Migrações. Cabo Verde. Comércio transnacional. Família.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as conexões entre dinâmicas familiares, redes migratórias e comércio transnacional em diálogo com a etno-

¹ Universidade de Brasília (UnB), Brasília – DF – Brasil. Doutora em Antropologia Social, Professora. Pesquisadora do Laboratório de Estudos em Etnologia em Contextos Africanos (ECO). Realiza pesquisa em Cabo Verde desde o final da década de 1990 sobre organização familiar em contextos de fluxos de pessoas, objetos e valores. É autora do livro *Tão Longe, Tão Perto. Famílias e movimentos na ilha de Boa Vista de Cabo Verde* publicado pela Editora da UniCV e ABA Publicações. andreaslobo@yahoo.com.br.

² Universidade de Brasília (UnB), Brasília – DF – Brasil. Mestrando em Antropologia Social. Pesquisador do Laboratório de Estudos em Etnologia em Contextos Africanos (ECO). vini.venancio2@gmail.com.

grafia sobre migrações no arquipélago de Cabo Verde. A intersecção entre vida familiar e mobilidade nos coloca diante das estratégias acionadas no sentido de fortalecer e manter os sentimentos de pertencimento entre familiares que vivem distantes. Nesse contexto a troca de bens materiais e monetários, assume posição central na produção e reprodução de relações, afetos, solidariedades e apoio mútuo. No caso aqui em questão, além do envio de recursos e coisas para o consumo dos parentes, os emigrantes são atores centrais para a dinamização de negócios familiares no âmbito do comércio “informal”. É o tecer de redes familiares e comerciais que coloca em relação pessoas espalhadas pelo mundo que nos propomos a compreender nas páginas que seguem.

A pergunta que dá título ao texto é inspirada no clássico artigo de Woortmann (1990) que, ao analisar o campesinato brasileiro como uma ordem moral que é apreendida através de sua ética, desenvolve um consistente argumento sobre o que denomina de campesinidade. Não cabe aqui reproduzirmos o complexo argumento do autor,³ o que nos inspirou foi a dimensão deste mundo camponês que apresenta uma relação mutuamente exclusiva entre parentesco e negócio, seja na diferença espacial entre sítio e feira seja na separação entre negócios e o universo familiar, uma vez que “quem é casável não é assalariável”. Um dos elementos centrais desta ordem moral é, portanto, de que o mundo do negócio seria a negação da reciprocidade, e, conseqüentemente, da família (camponesa).

A máxima que dá título ao texto de Woortmann, “com parente não se neguecia”, pode ser estendida a outros contextos que percebem que o mundo do dinheiro, da mercadoria e do negócio, idealmente, não deve se misturar com o campo do afetivo, do familiar.⁴ No contexto que é foco de nossa reflexão, Cabo Verde, esta máxima se converte em questionamento uma vez que, ao observarmos os processos de produção e reprodução de relações familiares neste pequeno arquipélago, nos deparamos com a proximidade entre estes dois universos; as trocas materiais, incluindo a monetária, não só estão dentro da esfera familiar, mas a alimenta, a reproduz - seria esta, uma proximidade que polui? estaríamos diante de uma materialização dos afetos que reduz as relações familiares a relações úteis e interessadas?

³ Um dos elementos centrais de seu argumento está na relação complexa entre terra, parentesco e modos de produção, categorias fundamentais para o entendimento da organização social camponesa.

⁴ Ainda que em muitos universos a unidade produtiva se confunda com a esfera familiar, as negociações que envolvem trocas financeiras não devem adentrar no seio da família.

Por meio dos dados oriundos de nossas pesquisas com mulheres que realizam comércio transnacional, argumentaremos que a ordem moral que separa relações afetivas no seio da família do campo do negócio parece ser vivida de forma diferenciada. Em um contexto em que as redes familiares estão imbrincadas pelos fluxos transnacionais, sejam eles migratórios e/ou comerciais, analisaremos o fluxo dos *bidões*, tambores repletos de artigos enviados por emigrantes aos familiares que ficaram nas ilhas e que abastecem um negócio familiar que envolve pontas distantes de um campo social que se alimenta do ir e vir de coisas e afetos.

Sobre afetos e trocas materiais

Em um polêmico texto sobre os padrões africanos de personalidade, Levine (1973) reflete sobre o que denomina de ausência de ansiedade em relação à separação física no caso africano. Realizando um exercício de comparação entre ocidentais e africanos, Levine argumenta que os primeiros desejam intimidade nas relações sociais e a sua ausência gera ansiedade. Segundo o autor, ansiedade no sentido da separação e sentimentalismo são formas que “nossa” cultura encontraria para lidar com as relações afetivas e íntimas. No mundo africano, por sua vez, as coisas operariam de outra forma, “eles demonstram achar a separação física entre os que se amam menos perturbadora emocionalmente e não a percebem como um motivo para a quebra da relação” (LEVINE, 1973, p.138).

Portanto, a relativa ausência de ansiedade na separação faria com que homens e mulheres, pais e filhos a encarassem como menos dolorosa e disruptiva do que nas sociedades ocidentais. Seria a ênfase nas obrigações materiais que tornaria possível manter relações durante ausências prolongadas. Nas palavras de Levine, as famílias africanas não têm que permanecer intactas residencialmente para que se mantenham social e psicologicamente reais para seus membros. Nem as obrigações de parentesco e casamento diminuem com as ausências prolongadas (LEVINE, 1973). Mais do que isso, os membros dispersos teriam um papel central na redistribuição dos recursos econômicos.

Ainda seguindo o argumento de Levine, diferentemente das sociedades ocidentais em que o componente emocional nas relações interpessoais é mais importante do que as transações materiais envolvidas, os africanos caracterizariam suas relações em termos dos tipos destas transações materiais: quem deu o quê, a quem e em quais circunstâncias. O valor dado à troca e à partilha de materiais definiria a qualidade das relações. Nesses casos, a separação seria

“diminuída” por uma lógica de obrigações materiais, e haveria uma tendência em caracterizar os relacionamentos sociais pelo idioma das transações materiais.

Dentre as diversas repercussões das polêmicas ideias de Levine, nos interessa aqui a interpretação de que, ao opor ocidentais e africanos, atribuindo aos últimos a atualização de relações afetivas em termos de transações materiais, o autor estaria reduzindo um suposto “mundo africano” a relações utilitárias, reduzidas à materialidade e, de alguma forma, baseadas em interesse.⁵ Não é nosso papel aqui advogar em favor de Levine, mas inseri-lo em um debate mais amplo no que diz respeito ao nosso tema central pode ajudar a relativizar o lugar das trocas materiais nas relações sociais em diferentes contextos sociais. Ao fim e ao cabo, o ideal de que afetos e trocas materiais e financeiras são como óleo e água tem assento na vida cotidiana? Um passeio no debate sobre o tema pode nos ajudar.

Mauss (1974), em seu trabalho sobre a natureza do presente, afirmou que as relações de intercâmbio são relações morais, uma vez que “quando damos algo, damos uma parte de nós mesmos” (MAUSS, 1974, p.10). Embora a tese de Mauss já introduza essa complexa questão de distinção entre sujeito e objeto, como afirmou Howell (1989), a literatura antropológica abordou primeiro o papel e a natureza das trocas e das relações de intercâmbio, sendo que só recentemente os antropólogos dedicaram sua atenção à natureza dos objetos trocados e as relações entre objetos e as pessoas que participaram da troca.

Se essa falta inicial de interesse pode ser atribuída a uma preocupação antropológica de não ver as pessoas como meros objetos (SAHLINS, 1976), nas últimas décadas a relação entre sujeito e objeto tem sido um tema muito apreciado pelos estudos das ciências sociais. Essas abordagens são caracterizadas principalmente pelo interesse em entender o que as coisas fazem no mundo, como os objetos constroem pessoas e relações, bem como a forma como as pessoas fabricam objetos.

Para os nossos propósitos neste *paper*, a proposta de Appadurai (2008), de quebrar o dualismo entre presente e mercadoria é digna de nota. Em sua influente introdução à coletânea intitulada *A Vida Social das Coisas*, o autor não só retorna ao objeto mercadoria a sua condição de sujeito, mas também defen-

⁵ Já em ponto de partida o argumento do autor precisa de contextualização. Ao falar de mundo ocidental e africano o autor compara mundos profundamente marcados por diversidades internas, entretanto, seu argumento geral vai no sentido de pensar em um “ecúmeno africano”, em formas de pensamento e padrões de personalidade. Não vamos adentrar aqui neste debate, que foge ao nosso escopo, mas recomendamos ao leitor interessado a conhecer o argumento do autor: que é datado, traz ideias polêmicas, e fomentaram debates interessantes à época de sua publicação.

de o estudo das *commodities* em um quadro lógico bem conhecido, o do Kula (MALINOWSKI, 1976). O autor afirma que a troca de presentes e a circulação de mercadorias podem ser analisadas da mesma maneira, uma vez que a mercadoria tem um espírito. Ele mostra assim a importância de seguir os fluxos para melhor entender os diferentes regimes de valor em que se encontram quando se deslocam através de diferentes contextos. De forma complementar, Kopytoff (2008), no mesmo volume, apresenta o conceito de “biografia das coisas”, propondo o foco em uma análise das coisas como processos cognitivos e culturais, e não somente como simples objetos que são produzidos, colocados em circulação e trocados por dinheiro. Por sua vez, Daniel Miller (2010) explora algumas dimensões interessantes das relações com os *stuffs* em estudos etnográficos em Trinidad, Índia e Londres. Seu objetivo é desafiar a percepção mais comum de que as coisas e as pessoas estão em universos opostos.

Estes autores nos auxiliam no argumento de que a materialização das relações não parece ser um traço africano em oposição ao ocidente (tal como Levine (1973) defende em seu estudo de padrões de personalidade em África), mas também é nele encontrado. Sahlins (2000) acrescenta ao debate quando analisa os processos de troca e a “indigenização” dos bens ocidentais pelos povos do Pacífico. No contexto das migrações, em que bens materiais e dinheiro circulam em todo o mundo, ele diz:

Today, the huge phenomenon of circular migration is creating a new kind of cultural formation: a determinate community without entity, extending transculturally and often transnationally from a rural center in the Third World to ‘homes abroad’ in the metropolis, the whole united by the to and fro of goods, ideas, and people on the move” (SAHLINS, 2000, p.522).

This flow of money and goods is better understood by the norms of ‘reciprocity’ (SAHLINS, 2000, p.523).

Nesse sentido, o que aparece como remessas e pagamentos é simplesmente a dimensão material da circulação de pessoas, das preocupações e relações que conectam as casas locais a tantos outros lugares.

Como veremos no próximo item, nos casos por nós estudados a continuidade das obrigações materiais em contexto de emigração, num circuito que envolve aqueles que partem e os que ficam, age como uma ponte que tende a minimizar a distância física, tanto no espaço quanto no tempo. Nesse sentido,

os bens materiais em circulação são valorizados enquanto construtores de relações e de proximidade. As normas e as noções que guiam os direitos e as obrigações entre parentes são decisivas para que novas formas de estar próximo operem. Assim, quando analisamos as trocas de materiais observamos o caráter mediado dessa relação, ou seja, para que haja proximidade à distância, os envolvidos lançam mão de artefatos, pessoas e estratégias que operam como elos na construção de laços.

Como explicitado na já vasta bibliografia sobre emigração no arquipélago (AKESSON, 2011; AKESSON; CARLING, 2009; DEFREYNE, 2016; FORTES, 2016; LAURENT, 2016; LOBO, 2012, 2014a; TRAJANO FILHO, 2009, entre outros) as relações entre emigrantes e aqueles que ficam nas ilhas demonstram que “estar junto” vai além da convivência diária. O “estar junto” é mantido pelo cumprimento de uma série de obrigações e mediações, mesmo quando se está longe. Não é a distância física e espacial, mas a impossibilidade de partilhar substâncias e experiências que limita a condição de se estabelecer proximidade. Desta forma, as trocas de objetos ocupam um lugar estratégico, uma vez que tais fluxos contribuem não só para a reprodução material dos que ficaram nas ilhas, mas para a reprodução cultural e simbólica das relações sociais. Nesse processo, circulam muito mais que dinheiro e mercadorias, mas também a produção e a reprodução das identidades coletivas, dos sistemas familiares e simbólicos e das noções de pertencimento.

Propomos ao leitor uma viagem ao mundo dos fluxos cabo-verdianos. Mas diferentemente do universo das trocas de presentes e de encomendas entre parentes, já abordadas em trabalho anterior (LOBO, 2015), nos voltamos para um fluxo específico, que agrega ao duplo família e migrações, o universo dos negócios transnacionais. Propomos esse caminho porque a pesquisa em meio a mulheres comerciantes nas cidades da Praia e do Mindelo⁶ nos permitiu perceber mais uma faceta do fazer família à distância, ou seja, para além do envio das remessas financeiras (AKESSON, 2011) e das trocas de encomendas (LOBO, 2014a), os emigrantes se integram ao cotidiano daqueles que ficam por meio da participação e do investimento nos negócios familiares, dinami-

⁶ Este artigo tem como base dados coletados em nossas pesquisas no arquipélago de Cabo Verde. Andréa Lobo tem realizado pesquisa entre mulheres comerciantes na cidade da Praia desde o ano de 2010, em visitas curtas periódicas. Seus dados têm por base conversas, entrevistas e observação no ambiente da Feira da Sucupira e em atividades realizadas na Morabi (ONG cabo-verdiana que se dedica às mulheres). Vinícius Venancio realizou pesquisa de campo com duração de dois meses em Mindelo, também com mulheres comerciantes. Sobre detalhes de sua pesquisa ver Venancio (2017).

zando não só as redes de afeto mas o mundo do trabalho e, conseqüentemente, gerando novos fluxos.

Sobre migrações... outros fluxos e *bidões*!

A emigração é uma característica tão marcante em Cabo Verde que se estima que aproximadamente metade da população esteja fora do arquipélago, embora seja difícil precisar os dados devido à grande quantidade de emigrantes em situação de ilegalidade nos países de destino⁷. Esse cenário faz com que seja rotineiro encontrar pessoas que tenham ao menos um parente emigrado. Tendo como justificativa a escassez de recursos naturais em território nacional, a emigração está presente em Cabo Verde desde o século XIX, fazendo do cabo-verdiano o “produto” mais exportado pelo país. A ligação com o país natal permanece ativa, em especial pelo envio de remessas – que aumenta o fluxo econômico local – e marca a lealdade dos que foram com os que ficaram (LOBO, 2014b).

Concomitante às dinâmicas migratórias, temos os fluxos comerciais, desenvolvidos majoritariamente por mulheres que vão para países como Portugal, Brasil, EUA, Itália, Luxemburgo, Guiné Bissau, Holanda e França para efetuar suas compras; e, além de abastecer os mercados das ilhas do arquipélago, “exportam” para países africanos mais próximos, São Tomé e Príncipe, Senegal, Guiné-Bissau, assim como adquirem produtos para suas lojas neles. Dessa forma, possibilitam às camadas populares de ambos os países um lugar na economia mundial, sejam como produtores ou consumidores. Além disso, dinamizam um elaborado processo de troca intercultural no qual imagens do outro são continuamente negociadas e redefinidas por uma pluralidade de participantes do mercado (LOBO, 2015; VENANCIO, 2017).

O esquema não é simples, estamos diante de um complexo sistema econômico em sua estrutura interna, sua lógica e regras. Primeiramente, temos a diversidade dos produtos comercializados. Em geral, as comerciantes negociam roupas para homens, mulheres e crianças, cosméticos, calçados, acessórios, roupas de cama, mesa e banho e utensílios domésticos; porém, podem comercializar também alimentos, medicamentos e até produtos considerados ilícitos, oriundos de contrabando. Tais produtos são adquiridos basicamente de duas formas, em viagens periódicas que elas realizam para alguns destes países; ou por

⁷ A dificuldade em contabilizar a quantidade de emigrados é tão grande que, enquanto o estudo sobre migrações do INE (2015) registra apenas 16.420 cidadãos emigrados efetivamente, a Organização Internacional das Migrações apontava, em 1998, o número de 518.180 emigrados.

remessas enviadas nos navios por parentes emigrados nos grandes centros dos Estados Unidos ou Europa. A distribuição das mercadorias pode acontecer de duas formas, na venda por atacado (para outras comerciantes cabo-verdianas ou de outros países africanos) e na venda a varejo (normalmente realizada nas feiras locais) mas também em pequenas lojas que se localizam em suas próprias casas.

Além da diversidade dos produtos, é preciso observar a relação entre estes e os lugares onde são adquiridos. Cada um dos países acima listados fornece para estas mulheres tipos de produtos diferenciados. De forma muito breve podemos afirmar que nos Estados Unidos elas buscam prioritariamente cosméticos e alguns tipos de roupas e sapatos em liquidação (roupas de festa) e dos centros europeus abastecem o mercado local com artigos para casa (cama, mesa e banho) e perfumes “caros”. Os mesmos produtos encontrados na Europa, mas com qualidade inferior ou oriundos de falsificação, são adquiridos em Dakar e, finalmente, no Brasil buscam roupas íntimas, artigos infantis, moda praia, sapatos e sandálias Havaianas.

A variedade de produtos e de lugares nos leva a uma complexa rede de viagens e de trocas que envolve, em larga medida, parentes que vivem próximos e distantes. Conforme já adiantado aqui, o comércio exercido por estas mulheres está intimamente conectado à vida familiar, não sendo percebido como exterior a esta, mas como um trabalho que constrói a família como um valor, pois alimenta suas redes, constrói pertencimentos, reforça lealdades. Para compreender melhor esse contexto, apresentaremos a história de Júlia e de outras mulheres que estão no ramo comercial há quase duas décadas e contam com as redes familiares para conduzir o negócio. Suas histórias nos remetem à íntima relação entre rotas migratórias e comerciais e o lugar central dos *bidões* neste universo de partilhas.

O caso de Júlia e a importância dos bidões

A loja de Júlia, em Mindelo, é um ponto que chama a atenção de quem passa por perto. Para além do seu nome, que remete à origem estadunidense dos produtos, a presença de um *bidão* em sua porta reforçava a ideia de que ali eram vendidos produtos importados. Isso porque o *bidão* é um barril que emigrantes cabo-verdianos enviam para os parentes que ficaram em Cabo Verde recheados de produtos, que costumam ter duas finalidades: presentes, que fortalecem laços entre quem partiu e quem ficou, ou artigos destinados à revenda, mercadorias que adentram no mercado por meio de relações comerciais. Em Cabo Verde,

a demanda por bens industrializados é satisfeita pela importação. Certamente há empresas locais que, formalmente, importam alimentos e demais bens que suprem o mercado local, nem sempre a preços acessíveis. Paralelo a este setor, observa-se um fluxo intenso de bens adquiridos e comercializados por indivíduos, famílias ou pequenos empresários que vendem em feiras, em pequenas lojas, nas portas de suas casas ou mesmo nas calçadas. Um simples caminhar pelas cidades do país dá a dimensão deste “comércio de *bidões*”, no qual a “origem” dos produtos tem muito a dizer sobre a qualidade (ou a falta desta).

Figura 1 – Bidões na Praça Estrela, em Mindelo, enviados por um marido emigrado à sua esposa. Destaque para a bandeira dos Estados Unidos da América fincada em um dos tambores



Fonte: Foto por Vinícius Venancio.

Defreyne (2016) aponta para o papel crucial das remessas na manutenção da ligação entre as pessoas através do ato de fazer circular bens a afetos, garantindo a presença mesmo que à distância. Presença essa que é marcada não somente no momento de recebimento e abertura do *bidão*, mas também no processo de aquisição do conteúdo que o recheará, que pode durar semanas ou até meses. A autora, em uma excelente etnografia da preparação, envio e recepção de um *bidão* por emigrantes que residem em Luxemburgo para seus parentes na ilha de Santo Antão nos relata a lógica de preenchimento do tambor. Primeiro com coisas que se destinam ao consumo direto de uma casa (produtos de higiene pessoal, de limpeza, artigos alimentícios não perecíveis, eletrônicos etc) e, a

seguir, uma diversidade de coisas como roupas, sapatos, utensílios domésticos, perfumes. Ao serem recebidos, os produtos serão divididos nas categorias de presentes recebidos e mercadorias a serem revendidas. Como nos conta Defreyne (2016, p.233) para o caso de Santo Antão, “na casa de Rosa, uma boutique foi improvisada com uma inscrição grande na fachada - ‘Boutiqua Silva’ - onde os conteúdos recebidos nos bidões são revendidos no varejo”.

Júlia, a jovem comerciante de 33 anos, contou que começou a trabalhar com comércio há 15 anos, quando engravidou de um namorado que tinha à época, pai de seus dois filhos mais velhos. Por causa da gravidez, Julia acabou sendo expulsa da escola. Na eminência de também ser expulsa de casa por seu pai, sua mãe, que estava emigrada nos Estados Unidos, interveio em seu favor e, como estratégia de viabilizar um sustento e um trabalho para a filha, enviou-lhe dois *bidões*. A partir desse estímulo inicial dado por sua mãe, o negócio foi crescendo e, em 2007, ela conseguiu garantir os recursos para realizar a sua primeira viagem com o objetivo de comprar produtos que abasteceriam sua loja. Todavia, sua mãe nunca deixou de lhe enviar os *bidões*, já que, segundo a moça, o ponto forte de sua boutique são os produtos estadunidenses.

Para além da manutenção dos laços familiares, os *bidões* assumem certo grau de importância no comércio em Mindelo, uma vez que, em função da crise econômica que Cabo Verde vem enfrentando nos últimos anos, são eles que estão permitindo a continuidade de muitos negócios. Júlia, que reduziu pela metade o número de viagens que realizava, continua com a sua boutique lotada de mercadoria graças às remessas enviadas por sua mãe, que vive em Brockton, Massachusetts, cidade estadunidense onde cerca de 10% dos 95,630 habitantes de Brockton possuem ancestralidade cabo-verdiana, sendo a cidade com o maior nível nos EUA⁸.

Com os seus anos de experiência nos fluxos dos *bidões* a partir de Brockton, ela contou que, se as condições climáticas estiverem boas, cada *bidão* demora quinze dias de barco dos EUA para Cabo Verde, mas se o mar estiver agitado, o traslado pode demorar até três dias a mais. Lá existe uma empresa que facilita o transporte dos *bidões* para o porto de Boston, que fica a 40km da cidade onde sua mãe reside. Em caminhonetes, eles buscam os *bidões* diretamente nas casas dos emigrados e garantem o despacho da carga. Como aponta Defreyne (2016), essa profissionalização no envio dos *bidões* é algo comum em países com muitos emigrantes cabo-verdianos.

⁸ Disponível em: <<http://www.epodunk.com/ancestry/Cape-Verdean.html>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Geralmente sua mãe costuma enviar cinco ou seis *bidões* por vez e, por isso, a loja estava abarrotada de produtos, mesmo que o início do ano, época da pesquisa, seja um período marcado pela queda nas vendas. A variação no preço do translado é grande, tendo agências que cobram trinta dólares, enquanto outras podem cobrar até oitenta dólares pelo mesmo serviço. Mesmo com a demanda contínua dos emigrantes, não há periodicidade para a saída dos navios, que podem partir a cada dois ou três meses, tendo a frequência reduzida no período do inverno por causa das condições do mar. Por isso, é importante que os emigrantes fiquem atentos à agenda proposta pelas agências marítimas.

Atualmente, o barco com os *bidões* vem primeiro para São Vicente, por ser a segunda ilha mais próxima dos EUA, na sequência, segue para Santiago e, por fim, desembarca na ilha do Fogo. Júlia me contou que é comum ter extravio de *bidões*, assim como há de malas com a TACV⁹. Uma vez, na época em que o navio fazia a rota inversa, indo primeiro para o Fogo, “[...] o tempo estava com *txeu*¹⁰ vento, tem uns dois anos isso, e a carga do Fogo, que era a primeira parada, foi toda para o mar. [...] se [isso] acontece comigo eu acabo com eles (funcionários e empresa responsáveis pelo transporte do *bidão*)” (VENANCIO, 2017, p. 74). Embora hoje haja mais segurança para enviar os barris, as reclamações sobre *bidões* que nunca chegaram e/ou tiveram suas embalagens violadas e itens furtados ainda são frequentes, o que acarreta em prejuízos para as comerciantes e emigrantes que, como sinalizou Defreyne (2016), passam meses adquirindo os produtos a serem enviados.

Para além do medo de ter a mercadoria perdida ao longo do trajeto, a retirada do *bidão* na alfândega de Mindelo é outro drama apresentado por Júlia. Além de pagar 2.800 escudos de taxa na agência marítima (*Atlantic Shipping*), ainda há, já na alfândega, uma taxa mínima de 200 escudos. O aumento dela vai depender do tipo de produto que estiver nos *bidões*. Comida, roupa e outros produtos usados costumam ser mais baratos, enquanto roupas de marca e eletrônicos saem mais caros, geralmente custando no mínimo cinco mil escudos. Por isso, é comum que quem envia o *bidão* coloque produtos mais baratos na parte superior do *bidão*, a fim de reduzir o custo da taxa cobrada na alfândega.

Das demais comerciantes, há a reclamação de que os preços estabelecidos na alfândega são abusivos, chegando a 30% do valor original do produto. Há também apontamentos de que operaria uma política de “coleguismo”. Uma

⁹ Transportes Aéreos de Cabo Verde, companhia nacional de aviação.

¹⁰ Em crioulo, *txeu* significa muito.

outra interlocutora afirmou que “se você tem amigos você sai do aeroporto e não paga alfândega, é assim. Outros pagam, uns não pagam. E você vê outros caras passarem e não pagarem nada na sua frente”.¹¹ As facilidades para quem tem conhecidos na alfândega, para retirar os *bidões* “sem problemas”, também é apontada nas falas dos interlocutores de Defreyne (2016), que faziam uso, sem o menor problema, da sua rede de contatos para garantir que o preço de cada *bidão* não fosse alto.

Como apontado no caso de Júlia, as lojas de ex-emigrantes ou de pessoas que têm familiares emigrados – com exceção de Portugal – costumam se especializar em produtos vindos desses países, sempre usando o discurso de que “os produtos de tal lugar são de melhor qualidade”. Assim como Clementina, uma senhora retornada da Itália, privilegiava os produtos italianos, Júlia afirma que aqueles vindos da América são os queridinhos em Mindelo e fazem muito sucesso!

Na tentativa de compreender a fetichização de produtos vindos de países específicos, como Brasil, Itália, Portugal e EUA, apontamos a discussão realizada por Hansen a partir do diálogo com Appadurai (2008) e Kopytoff (2008). Ao partilhar com os autores a perspectiva de que as mercadorias são socialmente construídas e as coisas têm vida social, a autora argumenta que não são as coisas mesmas que são o ponto de partida na atribuição de valor e significado, mas as estratégias nas quais elas estão inseridas¹².

Portanto, mesmo que sejam produtos de baixa qualidade nos países de origem, o valor atribuído a eles é ressignificado ao longo de seu fluxo para que correspondam às expectativas dos compradores, que querem se ver em “pé de igualdade” com os consumidores dos países onde as mercadorias são adquiridas. Recuperamos aqui a ideia de Appadurai (2008) de que as mercadorias, se observadas em sua vida social, não carregam em si o valor, mas esta é a elas atribuído criativamente a partir das relações entre pessoas e objetos. Nesse sentido, o valor de um produto de segunda mão, descartado em algum lugar do mundo, pode ser ressignificado não por sua qualidade em si, mas por

¹¹ Trecho da entrevista realizada com Maria em fevereiro de 2017.

¹² Tradução dos autores do trecho “*Appadurai’s argument (1986) that commodities are socially constructed and the things have social lives. Because a commodity does not Always remain where it was produced, it can be said to have a “social life” whose value and meanings change as it moves through time and space. In process a commodity acquires a cultural biography (Kopytoff 1986). Friedman (1991) has added an important caveat by suggesting that it is not the things themselves that are the point of departure but rather the strategies within which they are embedded*” (HANSEN, 2000, p. 161).

sua origem (como as sandálias *brasileiras*, os perfumes *franceses* ou as roupas esportivas dos *Estados Unidos*).

Assim como Júlia tem em sua mãe a garantia de que a sua loja sempre estará abastecida,¹³ Maria também conta com a ajuda de seus familiares para manter o fluxo das mercadorias que abastecem a sua loja. Em seu caso, os produtos são adquiridos e enviados pelo seu marido e filho mais velho, ambos residindo em Portugal. Assim que seu filho se mudou para poder cursar o ensino superior e se tornou mais uma fonte de envio dos produtos, Maria pode diminuir a quantidade de viagens que fazia para Portugal, assim como conseguiu reduzir os custos que elas geravam. De Portugal, o envio de cada *bidão* custa cerca de 100 euros. O preço se repete no trajeto Itália – Cabo Verde. Contudo, na Itália é possível enviar os produtos dentro de grandes caixotes, que são maiores que os *bidões* e comportam mais mercadoria. Quando vai para Itália, Clementina costuma enviar nos *bidões* coisas pesadas, como sapatos, bebidas para o seu bar e coisas para sua casa.

Todavia, é importante salientar que, uma vez que a troca de *bidões* se configura como um negócio, sua importância vai para além do fortalecimento de vínculos entre familiares. Não é raro encontrar, nos bairros mais afastados do centro, mulheres com roupas e sapatos expostos nas portas de suas casas. No Chã de Alecrim, bairro próximo à Laginha, em Mindelo, dona Laura, uma senhora que falava um crioulo bem fundo,¹⁴ vendia produtos, alguns deles de segunda mão, que, assim como os demais, também chegavam por *bidão*. Mas sua mercadoria não era recebida de parentes que viviam no exterior, mas enviada por uma mulher que morava nos Estados Unidos e que ela dizia não conhecer. Uma terceira mulher, amiga de Laura, fazia a mediação entre a pessoa que enviava os produtos e Laura. Os recursos provenientes da venda dos produtos por Laura, na porta de sua casa, são divididos com a enviante em uma atualização da lógica mais comumente associada ao mercado, o negócio entre desconhecidos.

¹³ Ainda assim, Júlia possui planos de emigrar para Brockton para trabalhar e ficar com a família – realizando o tão sonhado reagrupamento familiar. Realizando pesquisa em Mindelo, Venancio (2017) pôde acompanhar a saga de Julia para conseguir o visto, que no início era de incerteza total, mas que acabou se concretizando, quando ela recebeu a notícia de que a sua solicitação havia sido aprovada. A boa notícia trouxe consigo um dilema, pois como ela trabalhava sozinha na loja, outra batalha se iniciaria: a de encontrar alguém de confiança para ficar em seu lugar quando partir para a emigração. O dilema se impõe porque, no dizer de Julia, as pessoas ideais a quem ela passaria essa missão seriam os familiares, que em seu caso não se encontravam na ilha de São Vicente.

¹⁴ Chama-se popularmente de crioulo fundo as variações da língua que se aproximam mais de sua herança africana.

Usualmente, os produtos que chegam desta forma costumam ser de segunda mão. Todavia, a prática de revender produtos de segunda mão, especialmente roupas, parece se inserir em um contexto mais geral, se repetindo em outros países do continente africano. Em seu estudo sobre o mercado de Salaula¹⁵, localizado em Ndola, na Zâmbia, Karen Hansen (2000) aponta que, embora até o final do século XIX fosse comum encontrar grandes mercados que comercializavam roupas usadas na Europa, a partir do início do século XX, o continente africano passou a ser a principal via de escoamento desse tipo de produto. Embora, muitas vezes essas roupas cheguem em forma de doação, de países da América do Norte e noroeste da Europa, elas são revendidas nos países africanos, uma vez que são vistas como necessidade e desejos de consumo, além de conceder status a quem as usa.

Figura 2 – Em bairros periféricos, os produtos dos bidões costumam ficar expostos na porta das casas das vendedoras



Fonte: Foto por Vinícius Venancio.

Para além dos *bidões*, as cadeias migratórias – tipo de rede migratória com caráter mais familiar e constituída de vínculos fortes (PEDONE, 2004) – possuem uma outra função importantíssima, a de garantir estadia gratuita para as comerciantes quando elas forem para os países onde os seus parentes se encontram. Portugal não se mantém como a principal rota do comércio cabo-verdiano

¹⁵ Em Bemba, Salaula significa “escolher de uma pilha de coisas revirando-a” (HANSEN, 2000, p. 1).

apenas pelo vínculo que ainda não foi rompido com a independência tardia, mas também por ser menos oneroso ir para lá e ficar na casa de um primo, tia, pai ou até mesmo do marido.

Ao detalhar aqui o comércio de *bidões* adentramos em um universo que conecta realidades práticas e valores simbólicos. Por um lado, as coisas enviadas pelos emigrantes preenchem necessidades inerentes ao contexto cabo-verdiano, uma vez que a maioria dessas coisas só será consumida pela importação e com preços elevados no mercado dito formal. Além de prover o necessário, os objetos enviados adentram no mercado por meio dos negócios familiares, se revertendo em recursos monetários para os familiares que ficaram nas ilhas. Seguindo mais adiante, o mercado dos tambores também pode se reverter em renda para os próprios emigrantes, que comercializam *bidões* com “desconhecidos”, como no caso de Laura, em Cabo Verde.

Mas, ao mesmo tempo, e isso pudemos observar em nossas pesquisas, o fato de receber bens materiais, em particular um *bidão*, envolve todo um conjunto de fatores que vão para muito além da noção de necessidade (econômica), acionando os valores simbólicos expressos na ideia de ajuda, responsabilidade, reciprocidade – noções fundamentais do fazer família, da manutenção de laços, da atualização de pertencimentos.

Considerações Finais

O objetivo desse artigo foi de demonstrar como o entrelaçar dos fluxos emigratórios com as dinâmicas comerciais tecidas por cabo-verdianos podem confluir de forma que um dá sustentação ao outro. Nesse contexto os objetos e as coisas assumem um lugar importante no universo das relações sociais, produzindo vínculos, formas de solidariedade, confiança e sociabilidade. Mais do que nos perguntarmos sobre a função das trocas e dos objetos trocados na vida social entre familiares que vivem à distância na sociedade cabo-verdiana, nos perguntamos sobre os percursos dos objetos trocados e como o seu movimento pode elucidar o contexto social que pretendemos compreender.

Ao focarmos no contexto do comércio de coisas adquiridas no “mundo dos emigrantes”, nossa intenção foi abordar uma dimensão das trocas que tem sido pouco estudada na literatura sobre famílias transnacionais: quando os objetos trocados se transformam em mercadoria. Apresentar o fluxo dos *bidões* nos permitiu explorar os percursos que os objetos podem assumir nesse universo de trocas, podendo ser qualificados como presentes ou como mercadorias, a

depende dos cálculos efetuados tanto por quem enviou quanto por aquele que recebeu os produtos.

Por fim, ao adentrar no mundo do comércio e do objeto-mercadoria, percebemos que nossos interlocutores de pesquisa não realizam, necessariamente, uma separação entre negócio e casa, entre comércio e universo familiar. A noção - tão presente na ordem moral camponesa de Woortmann (1990) e no suposto ideal ocidental - de que o mundo do negócio, do comércio e do dinheiro deve estar distante da casa e das relações familiares, aqui parece se diluir em um campo social que atualiza pertencimentos e afetos pelas trocas materiais. Ao seguir essa linha argumentativa não estamos somente retomando a tese de Levine quando ele aponta para a centralidade das trocas materiais no universo africano, nosso movimento vai para além de uma suposta peculiaridade africana no que concerne à ênfase nas obrigações materiais. Tal como apontado por alguns autores aqui mencionados (APPADURAI, 2008; KOPPYTOFF, 2008; MILLER; SLATER, 2002; MILLER, 2010), sejam eles preciosos, desejados, excepcionais, ordinários ou imperceptíveis, os objetos nos rodeiam e a interação com eles, no cotidiano, compõe a construção da nossa existência no mundo.

Para o caso aqui analisado, a família, através da circulação de coisas, pessoas e afins, mantém a liga que o percurso migratório demanda. Seja por meio do envio de *bidões* ou cedendo uma casa para que as comerciantes estabeleçam seus negócios, os laços com os parentes emigrados fortalecem o argumento de que o comércio em Cabo Verde também é um projeto familiar, uma vez que envolve, direta ou indiretamente, o grupo doméstico enquanto um espaço social que incorpora tanto aquele que estão próximos quanto aqueles que estão geograficamente distantes.

A participação dos emigrantes nas dinâmicas de comércio das mulheres que vivem nas ilhas é mais um aspecto que salienta que a continuidade das obrigações materiais em contexto de emigração, num circuito que envolve aqueles que partem e aqueles que ficam, age como uma ponte que tende a minimizar a distância física, tanto no espaço quanto no tempo. Nesse sentido, os bens materiais em circulação são valorizados não somente enquanto bens em si, em seu valor econômico, mas enquanto construtores de relações e de proximidade.

O envio de *bidões* é um exemplo singular de como as trocas materiais neste cenário não se reduzem à satisfação de necessidades em um contexto utilitário em que as relações afetivas seriam supostamente reduzidas a objetos ou coisificadas. Pelo contrário, o que observamos aqui é que o envio de

coisas por parte dos emigrantes tem o potencial de consolidar redes sociais, familiares e culturais entre estes e sua comunidade de origem, configurando um complexo sistema de intercâmbio e circulação de objetos, encomendas, dinheiro e informações que movimentam e mobilizam tanto os que partem quanto aqueles que ficam.

Criativamente, os objetos enviados adentram em um universo amplo de possibilidades em sua “vida social”, podendo ser recebidos como presentes ou mercadorias, inaugurando uma nova etapa de sua biografia. O importante a notar é que as normas e as noções que guiam os direitos e as obrigações entre parentes são decisivas para que novas formas de estar próximo operem. Quando analisamos as trocas de materiais, observamos o caráter mediado dessa relação, ou seja, para que haja proximidade à distância, os envolvidos lançam mão de artefatos, pessoas e estratégias que operam como elos na construção da relação. Se entendemos os negócios aqui em questão como mais uma possibilidade de se fazer família à distância e os objetos como construtores de pessoas, a resposta à nossa questão inicial é, sim, com parente se negocia!

Can we negotiate with relatives? Migration networks and transnational trade in Cape Verde

ABSTRACT: *The ethnographies presented in the last decades about Cape Verde show that it is almost impossible to approach some thematic referring to this country without mentioning the intense migratory flows that constitute the history of the archipelago. Thus, with the first interest in analyzing another type of flow, that of transnational trade developed by Cape Verdean women, we perceived the congruence between these flows and the migratory networks, which connect Cape Verde to European countries and the United States of America. The present paper, therefore, intends to «follow» and outline some reflections on such connections, with special emphasis on the relationships between family members living at distance. Our hypothesis, based on ethnographic data, is that in this scenario, emigrant relatives are central to initiating and/or continuing the business of family members living in Cape Verde, either by sending bidões - barrels that are usually sent full of gifts and products for resale - or in the support to constitute the commercial flow, in the guarantee to have support in the trips and negotiations in foreign countries.*

KEYWORDS: *Migrations. Cape Verde. Cabo Verde. Transnational trade. Family.*

REFERÊNCIAS

- ÅKESSON, L. Cape Verdean notions of migrant remittances. **Cadernos de Estudos Africanos**, Lisboa, n. 20, p. 137-159, 2011.
- ÅKESSON, L.; J. CARLING. Mobility at the heart of a nation: patterns and meanings of Cape Verdean migration, **International Migration**, Washington, v. 47, n. 3, p. 123-155, 2009.
- APPADURAI, A. **The social Life of things**. New York: Cambridge University Press, 2008. Original publicado em 1986.
- DEFRAYNE, E. **Au rythme des tambor**: Ethnographie des mobilités des gens de Santo Antão (Cap-Vert, Belgique, Luxembourg). 333f. 2016. Thèse (Docteur en Sciences Politiques et Sociales: Anthropologie) - Faculté des sciences économiques, sociales, politiques et de communication, Université Catholique de Louvain, Ottignies-Louvain-la-Neuve, 2016.
- FORTES, C. Teorias que servem e teorias que não servem. In: LOBO, A.; BRAZ DIAS, J. **Mundos em circulação**: perspectivas sobre Cabo Verde. Brasília: ABA Publicações: LetrasLivres; Praia, Cabo Verde: Edições Uni-CV, 2016. p.337-377.
- HANSEN, K. **Salaula**: the world of secondhand clothing and Zambia. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- HOWELL, S. Adoption of the unrelated child: some challenges to the anthropological study of kinship. **Annual Review of Anthropology**. Palo Alto, v.38, p.149-166, 1989.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA [INE]. **Inquérito Multiobjectivo Contínuo – 2014**: Estatística das migrações. Praia, Cabo Verde: INE, 2015. Disponível em: <http://ine.cv/wp-content/uploads/2016/10/Migracoes2014_Rev1.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018.
- KOPYTOFF, I. The cultural biography of things: commoditization as process. In: APPADURAI, A. (Ed.). **The social Life of things**. New York: Cambridge University Press, 2008. p.64-94. Originalmente publicado em 1986.
- LAURENT, P. J. Famílias sob influência de leis migratórias dos países de acolhida: comparação das migrações cabo-verdianas nos Estados Unidos e na Itália. In: LOBO, A.; BRAZ DIAS, J. **Mundos em circulação**: perspectivas sobre Cabo Verde. Brasília:

ABA Publicações: LetrasLivres; Praia, Cabo Verde: Edições Uni-CV, 2016. p.137-197.

LEVINE, R. Patterns of personality in Africa. **Ethos**, Washington, v.1, n.2, p.123-152, 1973.

LOBO, A. É do produto brasileiro que os clientes gostam?: as rabidantes e a rota comercial entre Brasil e Cabo Verde. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, v.13, p.15-31, 2015.

LOBO, A. **Tão Longe Tão Perto**: Famílias e movimentos na ilha da Boa Vista de Cabo Verde. E-Book. Brasília: ABA Publicações, 2014a.

LOBO, A. Just bring me a little letter: the flow of things in Cape Verde transnational family relations. **Etnográfica**, Lisboa, v.18, n.3, p.461-480, 2014b.

LOBO, A. Negociando pelo mundo: as rabidantes cabo-verdianas e suas rotas comerciais. In: TRAJANO FILHO, W. (Org.). **Travessias Antropológicas**: estudos em contextos africanos. Brasília: ABA Publicações, 2012. v. 1. p. 317-338.

MALINOWSKY, B. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Originalmente publicado em 1923.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974. Originalmente publicado em 1923-1924. v. II. p. 183-314.

MILLER, D. **Stuff**. Cambridge: Polity Press, 2010.

MILLER, D. ; SLATER, D. Relationships. In: ASKEW, K.; WLIK, R. R. (Ed.). **The anthropology of media**: a reader. London: Blackwell, 2002. p.187-209.

PEDONE, C. **Tú siempre jalas a los tuyos**: las cadenas y las redes migratorias de las familias ecuatorianas hacia España. 471p. 2004. Tesis (Doctorado en Geografía) – Departament de Geografia, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2004.

SAHLINS, M. **Culture in Practice**: Selected essays. New York: Zone Books, 2000.

SAHLINS, M. **Culture and practical reason**. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

TRAJANO FILHO, W. The conservative aspects of a centripetal diaspora: The case of the Cape Verdean Tabancas. **Africa**, London, v.79, n.4, p.520-542, 2009.

VENANCIO, V. **Compra ali, vende aqui:** Comércio transnacional e relações familiares em Mindelo - Cabo Verde. 120f. 2017. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

WOORTMANN, K. Com Parente Não se Neguceia: O Campesinato Como Ordem Moral. **Anuário Antropológico/87**, Brasília, p.11-73, 1990.

Recebido em 8 de outubro de 2017

Aprovado em 12 de outubro de 2018